



ITINERÁRIOS DE LAZER NOTURNO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE MEDICINA

Heloisa Heringer Freitas¹
Elena Gervilla²
Liana Abrao Romera³

RESUMO: O estudo objetiva conhecer experiências de lazer noturno de um grupo de jovens estudantes de medicina relacionados aos consumos de álcool ao longo da noite. Por meio de observações participantes e entrevistas semiestruturadas, foi observado que sair à noite abriga uma sucessão de eventos, deslocamentos urbanos, encontros e principalmente consumo de álcool. Diferentes formas de sair à noite foram identificadas, incluindo estratégias para economizar dinheiro e se movimentar pelo espaço da cidade. O consumo de álcool é prática comum entre esses jovens e existem distintas formas de uso e de locais, que influenciam os tipos de bebidas e as formas de gerir o uso. Esses modos de sair à noite vão além de análises quantitativas e refletem a busca por diversão, bem como aspectos sociais, expectativas individuais e gestão dos consumos de álcool das experiências de sair à noite.

Palavras-chave: Lazer noturno; Universitários; Álcool.

NIGHTTIME LEISURE ITINERARIES OF YOUNG MEDICAL UNIVERSITY STUDENTS

ABSTRACT: The study aims to comprehend the nighttime leisure experiences of a cohort of young medical students concerning alcohol consumption throughout the night. Through participant observations and semi-structured interviews, we observed that nocturnal outings entail a sequence of events, urban movements, encounters, and primarily, alcohol consumption. Various modes of nocturnal outings were identified, including strategies to economize and navigate urban spaces. Alcohol consumption emerges as a prevalent practice among these youth, with diverse patterns of usage and venues, thereby influencing the choice of beverages and their management. These nocturnal escapades transcend mere quantitative analyses, reflecting the pursuit of enjoyment, alongside social dynamics, individual expectations, and the management of alcohol consumption within nocturnal experiences.

Keywords: Nighttime leisure; College students; Alcohol.

ITINERARIOS DE OCIO NOCTURNO DE JÓVENES UNIVERSITARIOS DE MEDICINA

RESUMO: El estudio tiene como objetivo conocer las experiencias de ocio nocturno de un grupo de jóvenes estudiantes de medicina en relación con el consumo de alcohol a lo largo de la noche. A través

¹ Estudante de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Grupo de Pesquisa Andaluz/UFES. heloheringer@gmail.com

² Doctora em Psicología. Profesora da Universidad de las Islas Baleares, facultad de Psicología. Espanha. elena.gervilla@uib.es

³ Doutora em Educação Física. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Líder grupo Pesquisa Andaluz/UFES liromera@uol.com.br

de observações participantes e entrevistas semiestruturadas, se observou que sair por noite implica uma sucessão de eventos, deslocamentos urbanos, encontros e principalmente consumo de álcool. Se identificaram diferentes formas de sair por noite, incluídas estratégias para economizar dinheiro e mover-se pelo espaço da cidade. O consumo de álcool é uma prática comum entre estes jovens, e existem diferentes formas de uso e locais, que influenciam nos tipos de bebidas e como são gerenciadas. Estas formas de sair por noite vão além dos dados quantitativos e refletem a busca por diversão, assim como aspectos sociais, expectativas individuais e gestão do consumo de álcool nas experiências noturnas.

Palavras-chave: Ocio noturno; Estudantes universitários; Alcool.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo conhecer experiências de lazer noturno e os consumos de álcool entre jovens estudantes de medicina da região metropolitana de Vitória-ES. Sair à noite é uma prática comum entre uma parcela dos jovens universitários e guarda experiências marcadas por uma cadeia de acontecimentos que inclui idas a locais na cidade, deslocamentos, encontros e consumo de álcool, o que Lazcano e Madariaga (2016) nomeiam de itinerários de lazer noturnos.

A característica essencial dos itinerários de lazer noturno é a movimentação entre espaços-tempos realizadas pelos sujeitos. Em termos gerais, existe uma espécie de roteiro semiestruturado demarcando um ponto de início (que pode ser a própria residência do jovem e/ou a casa de um amigo); uma parte central (local de destino principal da noite); a possibilidade de uma continuidade, entendida como *after party*, que pode acontecer ou não; e um fim (a volta para casa) (HENNELL; PIACENTINI; LIMMER, 2020). A característica semiestruturada se dá pela flexibilidade para mudanças dos locais de lazer noturno, do tempo de permanência e do avanço/desistência de seguir o roteiro.

Ainda dentro dos itinerários, destacamos o consumo de álcool em padrão de *binge drinking*, caracterizado pela ingestão, na mesma oportunidade, de 5 ou mais doses⁴ de bebidas alcoólicas para os homens ou de 4 ou mais para as mulheres (DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 2004). Cada fase pode abrigar variações no tipo de bebida, padrões e ritmos ligados às experiências e expectativas nas etapas do itinerário (DRESLER; ANDERSON, 2017; HENNELL; PIACENTINI; LIMMER, 2020). Assim, as seções que se seguem tratam das saídas noturnas de um grupo de jovens alunos de medicina e dos consumos de álcool.

⁴Os valores variam entre 10g e 14g de etanol por dose a depender do parâmetro.

METODOLOGIA

O estudo⁵ tem abordagem qualitativa, com produção de dados a partir de pesquisa participante, diário de campo e de entrevistas semiestruturadas com 3 jovens do curso de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, com média de idade de 24 anos. Foram realizadas observação nas saídas noturnas dos universitários e entrevistas via *Google Meets*.

O estudo adotou os princípios de codificação de dados de Saldaña (2013) para a análise de dados. O processo de sistematização do conteúdo qualitativo se deu por meio do *software* ATLAS.ti 23. Os dados foram analisados para transformar trechos do diário de campo e falas transcritas dos interlocutores em categorias e subcategorias sobre os itinerários de lazer noturno e seus consumos de álcool. São elas: 1) A parte inicial, correspondente ao esquentar; 2) a parte principal, que representa as experiências no local de destino central da noite, 3) o prolongamento/fim do itinerário, que aponta para ramificações no itinerário original para continuar a noite ou a volta para residência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira etapa dos itinerários, chama-nos a atenção o esquentar, caracterizado pelo encontro de jovens em locais públicos ou privados para beber antes de ir para o local de lazer principal (KENNEY; HUMMER; LABRIE, 2010; PILATTI et al., 2021). Para os autores, o esquentar é parte da construção da atmosfera de lazer, pois promove a quebra da rotina que dá a “largada” para a noite.

O local do esquentar é relevante para entender os itinerários de lazer desses jovens. Parece haver pelo menos dois critérios para a eleição do espaço. O primeiro está relacionado a garantir a não supervisão de pais e responsáveis que possam frustrar expectativas e privacidade dos jovens; e o segundo é a localização, que varia de acordo com a proximidade geográfica com o local de destino principal da saída noturna e com a moradia dos demais integrantes do grupo.

Entrevistadora: Quando você faz esquentar, onde se reúne com o pessoal?
Na casa de alguém. Depende de onde é o evento também, né?! Aqui em Vitória às vezes rola direto aqui em casa mesmo, porque eu moro sozinho e eu fico tranquilo de receber gente. E por morar perto de todo mundo também é um lugar meio tranquilo para reunir. Mas, por exemplo, em *****⁶ (cidade natal do entrevistado e onde mora sua família), eu não faço lá em casa. Eu faço na casa de um outro amigo (HEITOR, 26 ANOS).

⁵Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa: CAAE: 57772120.0.0000.5542

⁶ Supressão do nome da cidade para garantir o anonimato do participante.

Quando Heitor cita morar “sozinho” se refere a não morar com seus familiares. Heitor mora com amigos em uma república de estudantes em Jardim da Penha, bairro de classe média na cidade de Vitória, próximo a duas zonas de lazer noturno frequentadas pela juventude capixaba: a Rua da Lama e o Triângulo da Bermudas. Morar sozinho significa ausência da supervisão de familiares facilitando a promoção de esquentas.

Quando o esquentas não é feito em local privado, bares são opções frequentadas, mas sempre considerando a proximidade com o local do evento central da noite:

Quando eu fazia esquentas era sempre assim: se vamos para ****⁷, fazia esquentas na Rua da Lama. Se vamos na ****, então a gente fazia esquentas no Triângulo. Geralmente era sempre no bairro ali perto (RICARDO, 24 ANOS).

A distância entre moradia *versus* aonde vão é discutida por Reckziegel (2009) que aponta que as pessoas procuram pontos de lazer próximos às suas residências e que tenham outras opções de entretenimento no entorno. No esquentas, o grupo se reúne na casa de algum membro ou em estabelecimentos noturnos próximos ao destino principal da noite. A redução de gastos com bebidas alcoólicas é também motivadora do esquentas. As zonas de lazer noturno frequentadas pelos interlocutores são frequentemente locais de elevado custo de serviços e produtos quando comparados com os preços dos supermercados e distribuidoras de bebidas. O esquentas aparece, portanto, como estratégia dos jovens para a redução de gastos. Heitor relata: “Quando vou para uma boate, que é mais cara a bebida, aí tem que fazer esquentas, senão o bolso chora” (HEITOR, 26 anos).

Quanto à forma de obtenção de bebidas, Heitor narra:

[...] geralmente compro minha bebida separada e levo. É muito raro eu dividir. Geralmente o pessoal faz isso mesmo, cada um leva a sua, alguém leva o que já tinha em casa mesmo ou compra no supermercado ou na distribuidora no caminho. Mas eu compro no supermercado (HEITOR, 26 ANOS).

Dentro do itinerário de lazer noturno, o esquentas é para alguns jovens o primeiro contato com a bebida álcool da noite e pode abrigar, já no primeiro estágio de consumo, um padrão de *binge drinking* (PILATTI et al., 2021). Sobre a quantidade de doses consumidas no esquentas Heitor diz: “geralmente eu levo uns 4 ou 5 latões [de cerveja]. Geralmente esquentas não dura muito tempo, então é mais ou menos 3 ou 4 na verdade. Eu bebo mais no esquentas (HEITOR, 26 anos)”.

O volume de um latão de cerveja é de cerca de 500ml. Considerando que o *binge*

⁷ Supressão intencional dos estabelecimentos.

drinking é entendido por 5 doses para homens e 4 para mulheres, e que uma dose equivale a aproximadamente 350ml de cerveja, se o interlocutor consumir 3 latões, quase se enquadraria no padrão de *binge drinking* (1500 ml), mas se beber 4 latões, já o ultrapassaria. Como citado por Heitor, a motivação é economizar recursos financeiros, ao mesmo tempo, parece ter por intenção atingir um nível alcoólico que permita se sentir desinibido e relaxado para começar a parte principal da noite.

Essa relação da quantidade de consumo é invertida quando o esquentar precede uma festa *open bar*. Valéria bebe cerca de 2 latas de cerveja (350ml) antes de eventos desse tipo. O consumo aqui aparece de novo ligado à procura de um estado de embriaguez desejado antes do evento principal, mesmo que este lhe dê acesso a grande quantidade de álcool. No entanto, é possível também que o *ethos* de consumir bebidas nas vivências de esquentar com os amigos também seja levado em conta por Valéria.

Para Heitor e Valéria, a cerveja aparece como principal substância no esquentar. Todavia, a preferência e tipo de bebida pode variar entre as pessoas do mesmo grupo. A própria Valéria aponta esse aspecto: “eu bebia muito mais cerveja e eles (seus amigos) bebiam energético com vodca, cachaça e shots” (VALÉRIA, 22 ANOS).

Dos entrevistados, somente um não faz mais esquentar, mesmo que beba quando sai à noite. Ricardo relatou que, hoje em dia, prefere se sentar à mesa de um bar com os amigos e permanecer a noite toda no estabelecimento. Quando fazia esquentar, ainda na época do ensino médio, procurava bares próximos ao local principal de lazer da noite. Diferente de Heitor e Valéria, Ricardo bebia vodca com energético e outras bebidas destiladas e, quando entrava na balada (destino principal de seu itinerário), afirma: “eu já não tinha critério [do tipo de bebida]. Podia vir cerveja que eu bebia” (RICARDO, 24 anos).

Sobre as estratégias de consumo, um elemento que nos chama a atenção são as formas de manutenção do nível de embriaguez, que trataremos como *gestão da onda*. A expressão vem da comparação do consumo de bebidas com o ato de surfar. A onda representa um estado desejado de embriaguez a ser mantido ao longo da noite. Se o sujeito remar de forma correta, consegue usufruir dos efeitos fisiológicos desejados do álcool, como desinibição e euforia. Mas se remar rápido demais para entrar na onda, isto é, se beber grandes quantidades rapidamente, pode passar do ponto de conseguir surfar nos efeitos do álcool, tendo consequências agudas como vômito, desmaio e desorientação. Ainda, de forma oposta, se o sujeito consumir uma quantidade que não lhe cause as alterações fisiológicas esperadas, perde a oportunidade de surfar na onda com os amigos.

Ricardo nos disse que bebia em maior quantidade no esquentado, enquanto, dentro da balada, (...) “só mantinha o álcool. Eu era menor [de idade], mas não deixava de beber”. Nesse sentido, a intenção do jovem parecia ser realizar uma manutenção de um estado de embriaguez que entendia como ideal.

Essa gestão da onda é uma tarefa por vezes complexa quando observamos esse primeiro estágio do itinerário de lazer. Consumir grande quantidade de álcool pode, ao mesmo tempo, proporcionar desinibição e relaxamento, como também inviabilizar o resto da noite (MCCREANOR et al., 2016). Esses aspectos parecem conflitantes, dado que a “linha fisiológica” que demarca, de um lado, os efeitos esperados, e, do outro, as consequências negativas (mal-estar, perda severa da capacidade motora e desmaio), é muito tênue e muda de pessoa para pessoa⁸.

Como observamos em um evento de esquentado, aquele jovem que demonstrava comportamento de embriaguez aguda, com a fala atravancada, desequilíbrio motor e mal-estar (vômito), recebia olhares de desconforto dos demais colegas. Não conseguir fazer a gestão de próprio consumo muitas vezes significa o fim do itinerário ou, na expressão dos interlocutores, “queimar a largada” da noite e não conseguir dar sequência.

A estratégia de gestão da onda não significa um uso moderado de álcool. Pelo contrário, muitas vezes se apresenta em padrão de *binge drinking*. O que queremos chamar a atenção é que, mais do que o simples ato de beber ao sair à noite, o consumo no itinerário de lazer parece ser marcado por estratégias do tipo, do ritmo e da quantidade de consumo de bebidas em relação ao objetivo de tirar o maior proveito da noite, mantendo-se numa onda de efeitos fisiológicos esperados.

A parte principal do itinerário

A parte principal do lazer noturno se caracteriza pelo evento/local central. Esse espaço-tempo pode se dar, por exemplo, em zonas de entretenimento noturno (locais com bares e boates), uma festa *open bar* ou outros eventos. Nessa etapa a expressão “sair à noite” toma seu significado final, dado que quando os jovens se organizam para a noite, a parte principal é o alicerce do itinerário de lazer e pode influenciar nos acontecimentos anteriores (participar ou não de esquentado) e posteriores (continuar a noite em um *after party* ou voltar para casa).

⁸As mulheres são fisiologicamente mais vulneráveis em relação aos efeitos toxicológicos do álcool que os homens, dado o baixo nível de álcool desidrogenase e pelo menor peso corporal frequentemente encontrado na população feminina (SPOONER; HETHERINGTON, 2005).

Dessa forma, a etapa principal do lazer representa preferências e estilos de vida do grupo de jovens relativos às experiências que querem ter, com quem querem sair e, principalmente, quais recursos financeiros têm disponíveis. Em contraste com alguns cenários privados de esquentar, onde os jovens podem estar somente entre seus pares, a parte central nem sempre oferece tal privacidade, mas contempla a coletividade, a agitação e a atmosfera de excitação das zonas de lazer noturnas. Esse aspecto geral dos espaços de lazer é discutido por Elias e Dunning (1992) quando argumentam que os espaços-tempos de lazer possibilitam um descontrolado de emoções desejadas e agradáveis.

Dessa forma, as experiências de lazer noturno fomentariam a liberação de emoções intensas, sem, no entanto, perturbar ou colocar em risco a organização da vida social. Os espaços de lazer noturno se apresentam aqui como um contexto entre as obrigações de vida e o convívio familiar em que é permitido construir identidades, preferências e socializar com os amigos.

Com relação aos locais frequentados pelos jovens, observamos que o grupo se dirige às zonas da cidade que abrigam diversos bares e boates. Nesses espaços noturnos identificamos que os alunos apresentam, pelo menos, duas diferentes características de ocupação: 1) sentam-se à mesa de um bar e permanecem ao longo da noite (os frequentadores⁹ de bares nas zonas de lazer noturno) e 2) permanecem ao longo da noite dentro do limite geográfico da zona de lazer, mas não se sentam à mesa dos estabelecimentos (os frequentadores das zonas de lazer noturno).

Frequentar bares no lazer noturno

Os interlocutores deste estudo dizem frequentar bares no seu lazer noturno e a sociabilidade é a principal característica que leva a procurar esses espaços (BARRAL, 2006; OLIVEIRA et al., 2013). Esse aspecto é discutido por Heitor, que entende que a escolha do grupo que estará à mesa é fundamental, já que um dos motivos que leva o jovem a permanecer no bar é a conversa agradável entre o grupo.

No bar, os jovens estão sempre em grupo e consumindo bebidas alcoólicas, muitas vezes em grandes quantidades, como destaca Ricardo: “Eu e meus amigos temos uma coisa que a gente bebe muito e como a gente tá fechado ali naquela mesa e não sai, então o consumo é muito alto (RICARDO, 24 anos)”. Aqui a sociabilidade é o pano de fundo dos contextos de

⁹O termo frequentadores é empregado para destacar a relação que os jovens constroem por meio da atmosfera física e simbólica dos locais que escolhem ir.

consumo em grandes quantidades. Ricardo acentua essa relação quando reflete sobre seu consumo sozinho:

Eu não gosto de beber sozinho. Eu não tenho esse costume. Eu já fiquei 6 meses sozinho em casa e não tinha cerveja na minha geladeira. Então, a minha condição para beber é ter alguém. Quando eu tô muito cansado, por exemplo, eu bebo uma cerveja e já tô de saco cheio, já relaxei. Tomei uma cerveja, fumei um cigarro e já relaxei e pronto (RICARDO, 24 anos).

Quando Ricardo fala de seu consumo quando está sozinho, o padrão é moderado e tem como intuito relaxar, mas quando diz “a minha condição para beber é ter alguém”, identificamos a associação do *binge drinking* com a socialização. Ainda, quando bebe com os amigos no bar, o interlocutor parece perceber seu nível de consumo, pois afirma: “o consumo é muito alto”. Como discutem Mäkelä e Maunu (2016), o consumo em *binge* álcool em grupo parece ser um processo que cria e mantém laços sociais. Beber é uma forma de pertencer a um grupo e o convite para consumir álcool representa uma espécie de estreitamento ou manutenção desses laços. Diferente de beber sozinho, que não é considerado uma atividade social, mas uma forma de lidar com o peso da rotina, como sinaliza Ricardo.

Os frequentadores das zonas de lazer noturno

Se frequentar bares aparece como uma categoria de análise, não frequentar bares, mas estar nos espaços de lazer traz outros significados. Para discutirmos sobre os frequentadores das zonas de lazer noturno é necessário descrever o principal local de escolha dos jovens quando saem à noite. A Rua da Lama é uma zona de lazer noturno tradicional da capital capixaba. Esse local é próximo a um *campus* da UFES, e formado por um trecho da avenida Anísio Fernandes Coelho, por uma pequena parte da Rua Arthur Czartoryski. Esse complexo de lazer noturno abriga bares, distribuidoras, tabacarias e restaurantes, e é promovido pelo poder público municipal como destino turístico noturno.

Os jovens se organizavam em pequenas rodas em pé para conversar. Mesmo que estejam entre 3 ou 4 amigos, condensam-se em um grande aglomerado de pessoas na rua. Estar na zona de lazer proporciona, ao mesmo tempo, a fluidez da mudança de todo o grupo para outros pontos menos povoados da rua ou mais próximos de conhecidos, e a movimentação de alguns dos membros da própria turma, que saem em pares ou trios para comprar bebidas alcoólicas, cigarros e ir ao banheiro. Esta forma de estar no espaço de lazer noturno promove uma dinâmica de reorganização das pessoas do grupo, que se deslocam em micro trajetos dentro da própria zona geográfica.

Micro trajetos são movimentações dos sujeitos e dos grupos dentro do mesmo ponto do itinerário de lazer. Tendo como referência os trajetos de lazer noturno descritos por Kuster (2021) que observa que os participantes se encontravam dentro do mesmo espaço geográfico de lazer *a priori*, mas não estão vinculados a algum estabelecimento, provocando movimentações pelo local procurando novas formas de entretenimento. Os deslocamentos dos jovens da medicina acontecem em um raio de ação menor do que o apontado por Kuster, por isso chamamos de micro trajetos. Uma característica marcante é o movimento pendular. Uma parte dos alunos sai de um ponto A em busca de bebidas, cigarro ou banheiros e logo retornam à posição inicial. Entretanto, observamos por vezes a quebra desse padrão quando algum membro se afastava para cumprimentar pessoas, o que fez com que o discente retornasse muitos minutos ou horas depois (com dificuldade de achar a sua turma original) ou não regressava, avisando por ligação ou mensagem que não seguiria no itinerário original com o grupo. Sobre esse último aspecto, encontros inesperados são parte da noite de lazer dos jovens e podem gerar ramificações nos itinerários dos grupos estudados.

O consumo de álcool na parte central

Há diferenças e similaridades nos modos de consumo de álcool do grupo da medicina na parte principal de seu lazer noturno no que tange à modalidade desvinculada. A escolha do que beber parece levar em conta aspectos de custo e os produtos disponíveis. Ricardo conta que se sentar em um bar frequentemente o leva para um cenário de consumo de cerveja em grande quantidade e ressalta que não consegue precisar quantos copos bebe quando vai para o bar à noite, uma vez que o recipiente é sempre enchido novamente por um garçom ou amigo à medida que o volume diminui. Entretanto, argumenta que para chegar ao ponto que os efeitos do álcool são satisfatórios, toma cerca de 3 copos de 700ml e fuma um cigarro de palha. Considerando o parâmetro para se configurar *binge drinking*, o entrevistado atingiu 6 doses e meia.

Quanto à escolha pela bebida, o “copão”, composto por bebidas destiladas (vodca, whisky, cachaça) misturadas com suco, energético ou água de coco, servido em copo de plástico de 700ml, surge como uma vantagem na economia de dinheiro aliada ao maior efeito esperado. Isso se confirmou na fala de uma das estudantes que disse que comprar o copão (R\$15,00) traz melhor custo-benefício quando comparado ao preço da cerveja em garrafa de 1L (R\$12,00), pois pode consumir bebidas com teores alcoólicos mais elevados com sabor mais apazível. Outra característica é o consumo de cerveja em garrafas *longnecks* (330 ml) ingeridas

diretamente do recipiente. Uma das características de consumir copão e garrafas é a mobilidade pelo espaço de lazer. Beber a partir de um vasilhame descartável dá a possibilidade dos jovens de se deslocarem pela rua e conversarem com os demais grupos. O próprio movimento de saída e volta com o objetivo de adquirir os produtos se torna uma experiência de encontro com pessoas conhecidas no trajeto.

Identificamos, dessa forma, que o consumo de bebidas no lazer noturno é um fenômeno social que apresenta uma série de significados que vão além dos parâmetros quantitativos de uso. Apontamos que a sociabilidade é um elemento indispensável na experiência do consumo de álcool e outras substâncias, trazendo o companheirismo, os afetos e identificação com o outro. O ambiente de lazer parece ser palco que gera a permissão para um novo ritmo, excitação e desligamento do cotidiano.

Frequentar a zona de lazer, mas não um bar específico parece contribuir para a noção da quantificação da bebida que consomem. O processo de compra da bebida e a limitação financeira são fatores que contribuem para a percepção do consumo. Como argumentamos acima, ainda que os entrevistados quantifiquem ou não seus consumos nas duas modalidades discutidas, observamos o uso em *binge drinking* como uma realidade entre os jovens estudados. Esse cenário não representa nenhuma novidade nos estudos sobre álcool entre jovens universitários, entretanto, de modo a aprofundar a discussão sobre os aspectos qualitativos do ato de sair para beber à noite, desejamos destacar aspectos subjetivos dessa experiência.

Beber em *binge* parece trazer um estado apreciado pelos interlocutores e isso se faz notar nas respostas sobre como se sentem: “Eu acho que eu me sinto muito leve. Eu sei que eu consigo até estalar minhas costas mais facilmente porque eu tô mais leve” (RICARDO, 24 ANOS). Heitor, por sua vez, expressou outras características: a desinibição e a euforia.

Eu acho que é a parte boa que eu falei mesmo, uma euforia de leve, dá uma desinibida boa e conseguir manter isso, né!? Às vezes você acaba bebendo um pouco mais e acaba desinibindo demais ou então você para de beber e fica careta. Então para mim o ponto ideal seria dar uma desinibidinha boa e se manter ali conseguindo controlar tudo (HEITOR, 26 ANOS).

As observações dos entrevistados apontam para características experienciais do consumo de álcool no lazer. Se sentir mais “leve” é sinônimo de relaxamento para Ricardo, enquanto para Heitor “desinibir-se” é a sensação que procura e deseja ao longo da noite. A procura por relaxamento e desinibição são motivadores para o consumo encontrados em pesquisa com jovens (NICHOLLS, 2016; ROBERTS, 2015) e na população geral (COOPER et al., 2015; WOLKOWICZ et al., 2022).

Percebemos na fala de Heitor outros fatores experienciais. O primeiro aparece na expressão “ficar careta”, que descreve o estado no qual o interlocutor não deseja estar ao beber, enquanto “uma desinibidinha boa” é o estado almejado pelo jovem. Como argumenta Kuster (2021, p 50), o ambiente de boemia noturna carrega significados positivos e negativos e parece autorizar os participantes a terem experiências de diversão em torno do consumo de bebidas alcoólicas. Assim, manter-se em um estado de consumo de álcool, que os significados desejados são potencializados, é mais uma característica da gestão da onda e provoca a procura constante de um estado ideal de embriaguez. Parece haver, no entanto, diferenças nos modos como os jovens percebem e descrevem seus estados. Aspectos positivos acompanham termos como “desinibição”, “leveza”, “alegria”, enquanto o uso da expressão “passar do ponto” indica beber além do limite, dando lugar a percepção das consequências físicas/comportamentais negativas.

Mesmo que consumam em padrão de *binge* e tenham consequências, esses jovens parecem aprender com estas ocasiões e recorrem a estratégias para se manter no estado desejado quando bebem. Heitor destaca que o ritmo com que bebe é um fator importante para lidar com seu estado ébrio:

Eu acho que quando você acelera muito no álcool, vai ter um efeito meio retroativo. Porque quando você acha que bebeu para ficar bem, às vezes você já bebeu e tá mal, isso vai bater daqui a pouco. Então eu tento segurar um pouco na velocidade e acho que, pelo fato de tomar cerveja, ajuda um pouco também. Quando eu era mais novo tomava destilados e acho que é mais fácil de errar do que com a cerveja. Porque tomar uma cervejinha a mais você só vai ficar um pouquinho mais alegre, mas às vezes se você tomar uma vodca, já pode ter uma consequência mais intensa (HEITOR, 26 ANOS).

O que observamos a partir das falas do grupo nas noites de lazer é que a capacidade de gerir o estado de alteração desejada é uma habilidade que se aprende ao passar por situações de consumo excessivo com consequências negativas. O consumo traz estratégias para mitigar estados indesejáveis e perceber, em alguns casos, quando já passou do ponto. Em pesquisa com jovens universitários, Supski, Lindsay e Tanner (2017) apontam essa validação como uma forma de lidar com os efeitos do álcool ao longo do período do curso. Isso inclui aprender qual ritmo beber e saber seus limites:

[...] Tornar-se um bebedor competente requer a aquisição de conhecimentos com base em experiências importantes (embora acompanhadas de arrependimentos) de consumo que eles próprios tiveram ou observando outras pessoas (p. 6).

Tais relatos sinalizam que as experiências progressas vão moldando a forma com que os jovens bebem, qual tipo de bebida os deixa mais embriagados, como se previnem de ter resultados desagradáveis (vômito, desmaio, desorientação). Segundo as autoras, a competência

de saber beber compreende 1) entender quais bebidas consumir, 2) a quantidade, 3) em qual situação e 4) com quem beber. As autoras argumentam que no período universitário pode ocorrer esse aprendizado, muitas vezes protagonizado por situações negativas de consumo. Como exemplo, Valéria narrou que quando ingressou no curso de medicina começou a frequentar muitos eventos com seu grupo de amigos. Em uma das situações em que seu consumo de destilados lhe causou dificuldades motoras, vômito e perda de consciência, decidiu que voltaria a beber, mas em menores quantidades, e não tomaria mais esse tipo de bebida.

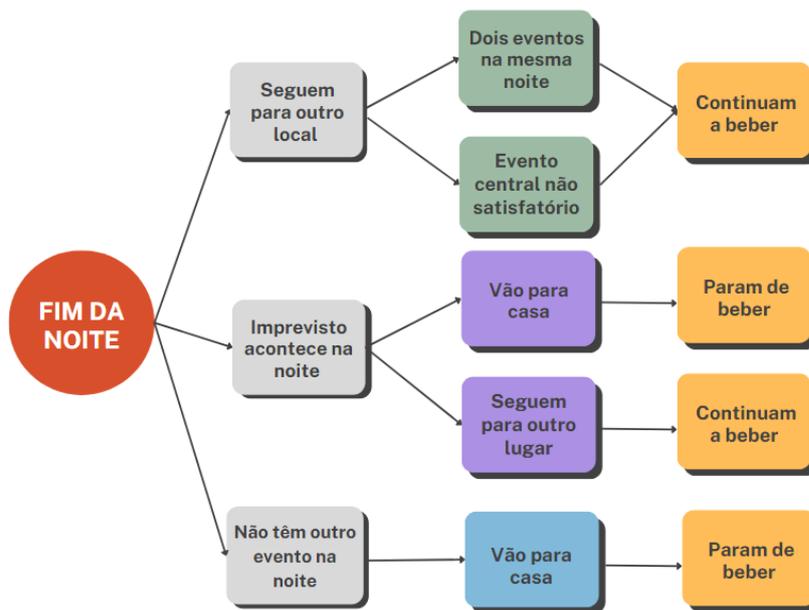
É importante frisar que “aprender a beber” não significa que os jovens não vão mais consumir ou protagonizar situações negativas na ingestão de álcool. Todavia, passar por um estado vulnerável parecem gerar aprendizados sobre os modos de consumir e de se desinibir tentando sofrer menos os efeitos negativos do consumo. Dessa forma, aprender a beber demarcaria elementos que podem mitigar consequências ruins, como evitar destilados e beber mais devagar.

Prolongamento da noite e ponto final do itinerário

O fim do itinerário é o momento de saída do lazer principal para a volta para casa ou ida para outro ponto da cidade. É o fim da noite para muitos, mas o prolongamento da noite para outros. Quanto ao momento de saída da parte principal do itinerário de lazer noturno, notamos que há jovens que se dirigem para casa e outros que seguem à procura de mais vivências de lazer (uma festa que encerra as atividades mais tarde ou um *after party* na casa de amigos/conhecidos).

Essa ramificação parece acontecer a partir de 1) uma organização anterior, quando os jovens têm dois eventos interessantes na mesma noite e o primeiro evento tem seu término próximo de meia noite, ou quando o evento único não foi satisfatório; 2) quando um imprevisto acontece na parte central de lazer; ou 3) quando não há algo já planejado para a sequência do itinerário. Essas divisões do grupo têm relação direta com a continuação ou interrupção do consumo de álcool, como se observa na figura abaixo:

Figura 1 – Fluxograma dos movimentos do fim da noite.



Fonte: elaboração própria.

Sobre a primeira divisão, pudemos observar que fatores como oportunidade de encontrar outro grupo de amigos, possíveis flertes e até mesmo quando a situação que estão não traz a experiência desejada, moveram uma parte dos estudantes para outros locais, como festas privadas, boates e bares. A segunda ramificação tem relação direta com as consequências do consumo excessivo de álcool encadeando situações inesperadas na noite. Observamos que quando alguém do grupo bebia a ponto de não conseguir seguir o itinerário, a maior parte dos jovens desistia de continuar a noite e se movimentava para ajudar o companheiro mais alcoolizado a chegar em casa ou levá-lo para casa de um membro do grupo e depois seguir para suas respectivas residências. Outra parte dos jovens, entretanto, seguia os planos iniciais em direção à continuidade da noite, mas se preocupava em deixar o colega com mais sinais de embriaguez em segurança.

A terceira ramificação aponta para o fim do itinerário em direção à própria residência ou à casa de um amigo onde vai dormir. Nessa situação, os jovens se organizam para tomar táxis ou carros de aplicativos em grupo por proximidade das moradias, dividindo o preço da viagem. Principalmente entre as mulheres, a saída em grupo parece ser importante para a segurança no trajeto. O cuidado mutuo é percebido com o pedido das jovens que seguiam para o *after party*, para que aquelas que estavam se dirigindo para casa lhes enviassem mensagem quando chegassem em suas residências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações de campo e das experiências compartilhadas pelos jovens estudantes de medicina, entendemos que existem distintos modos de sair à noite, que abrigam estratégias de economia de recursos financeiros, de escolha de locais e de movimentações pela cidade. Ao examinarmos os padrões de consumo de álcool ao longo da noite, notamos diferentes estados de intoxicação e os motivos por trás do padrão de binge drinking, que transcendem meras análises quantitativas e nos apontam para a gestão da onda nos episódios de consumo e um processo de maturidade, que vai se aperfeiçoando a partir das experiências negativas de consumo.

Apontamos também que essas práticas refletem não apenas a busca por diversão e socialização, mas também diferentes dinâmicas sociais e expectativas individuais sobre o lazer noturno como cenários de quebra de rotina e espaço-tempos de prática de estilo de vidas e de preferências dos jovens estudantes.

REFERÊNCIAS

- BARRAL, G. L. L. Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares. 2006.
- COOPER, M. L. et al. **Motivational Models of Substance Use**. [s.l.] Oxford University Press, 2015. v. 1
- DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, N. I. ON A. ABUSE AND A. NIAAA council approves definition of binge drinking. **NIAAA Council Approves Definition of Binge Drinking**, v. 3, n. 3, p. 3, 2004.
- DRESLER, E.; ANDERSON, M. Risk perception in young women's collective alcohol consumption. **Health Education**, v. 117, n. 4, p. 414–428, 5 jun. 2017.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- HENNELL, K.; PIACENTINI, M.; LIMMER, M. Exploring health behaviours: understanding drinking practice using the lens of practice theory. **Sociology of health & illness**, v. 42, n. 3, p. 627–642, 2020.
- KENNEY, S. R.; HUMMER, J. F.; LABRIE, J. W. An Examination of Prepartying and Drinking Game Playing During High School and Their Impact on Alcohol-Related Risk Upon Entrance into College. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 39, n. 9, p. 999–1011, set. 2010.
- KUSTER, S. **Lazer noturno e juventudes: uma etnografia na Rua da Lama- ES**. Dissertação de Mestrado—Programa de pós-graduação em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.
- LAZCANO, I.; MADARIAGA, A. El ocio nocturno de la juventud en España. Em: **La marcha nocturna: ¿un rito exclusivamente español?** [s.l.] Centro Reina Sofia sobre Adolescencia y Juventud, 2016.
- MÄKELÄ, P.; MAUNU, A. Come on, have a drink: The prevalence and cultural logic of social pressure to drink more. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, v. 23, n. 4, p. 312–321, 3 jul. 2016.

- MCCREANOR, T. et al. ‘Drink a 12 box before you go’: pre-loading among young people in Aotearoa New Zealand. **Kōtuitui: New Zealand Journal of Social Sciences Online**, v. 11, n. 1, p. 36–46, 2 jan. 2016.
- NICHOLLS, E. “What on earth is she drinking?” Doing Femininity through Drink Choice on the Girls’ Night Out. **Journal of International Women’s Studies**, v. 17, n. 2, p. 77–91, 2016.
- OLIVEIRA, M. B. et al. A gente quer comida, diversão e arte: o lazer dos estudantes universitários. v. 24, n. 1, p. 178–206, 2013.
- PILATTI, A. et al. Tomar alcohol antes de salir: la previa en adolescentes argentinos y su relacion con normas sociales y motivos de previa. **Interdisciplinaria**, v. 38, n. 1, p. 23–40, 2021.
- RECKZIEGEL, D. **Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários**. Dissertação de Mestrado—Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- ROBERTS, M. ‘A big night out’: Young people’s drinking, social practice and spatial experience in the ‘liminoid’ zones of English night-time cities. **Urban Studies**, v. 52, n. 3, p. 571–588, fev. 2015.
- SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. 2. ed. Los Angeles: SAGE, 2013.
- SPOONER, C.; HETHERINGTON, K. **Social determinants of drug use**. Sydney: National Drug and Alcohol Research Centre, University of New South Wales, 2005.
- SUPSKI, S.; LINDSAY, J.; TANNER, C. University students’ drinking as a social practice and the challenge for public health. **Critical Public Health**, v. 27, n. 2, p. 228–237, 15 mar. 2017.
- WOLKOWICZ, N. R. et al. Subjective stress and alcohol use among young adult and adult drinkers: Systematic review of studies using intensive longitudinal designs. **Drug and alcohol dependence**, 2022.